


Uma Digestão Crítica do Método Antropofágico de Oswald de Andrade

A Critical Digestion of the Anthropophagic Method of Oswald de Andrade

 10.21680/1983-2109.2025v32n69ID40373

Leonardo Tavares

Universidade de Coimbra (UC)

lsotavares@outlook.com

Resumo: Este artigo objetiva delinear o modo oswaldiano de fazer filosofia, numa elucidação do que chamamos de método antropofágico. Para isto, analisamos o desenvolvimento da filosofia antropofágica que está presente em notas, crônicas, ensaios e, principalmente, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*. No decorrer da interpretação de diversos textos, identificamos os princípios do método, na sua argumentação sintética, típica e bem-humorada. Por fim, esclarecemos como o método antropofágico foi um dos procedimentos capazes de viabilizar uma filosofia condizente com as demandas da cultura vivida pelo seu autor. Ao ultrapassar os limites de uma filosofia a serviço da ordem vigente, na sua rebeldia, decolonialidade e utopia, a antropofagia oswaldiana cedeu ao apelo de pensar e expressar a humanidade que a constitui.

Palavras-chave: Antropofagia. Filosofia brasileira. Oswald de Andrade.

Abstract: This article aims to outline Oswald's way of doing philosophy, in an elucidation of what we call the anthropophagic method. To do this, we analyze the development of anthropophagic philosophy, which is present in notes, chronicles, essays and, above all, in the thesis *The Crisis of Messianic Philosophy*. In the course of interpreting various texts, we identified the principles of the method, in its synthetic, typical and humorous argumentation. Finally, we clarify how the anthropophagic method was one of the procedures capable of making possible a philosophy consistent with the demands of the culture experienced by its author. By transcending the limits of a philosophy at the service of the existing order, in its rebelliousness, decoloniality, and utopianism, Oswaldian anthropophagy yielded to the appeal of thinking and expressing the humanity that constitutes it.

Keywords: Anthropophagy. Brazilian Philosophy. Oswald de Andrade.

1. Introdução: a antropofagia enquanto movimento artístico e filosófico

O ano era 1922 e surgia, no Brasil, graças ao incentivo da elite regional paulistana, um novo estímulo para a formação da identidade do povo brasileiro¹.

¹ Em entrevista concedida a Horácio Dias para o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 24-01-1954, o próprio Oswald de Andrade admite que “A Semana de Arte Moderna foi uma consequência da mentalidade criada pelo industrialismo paulista. Nasceu de uma mentalidade capitalista exploradora” (Andrade, 1990, p. 223). Essa afirmação, no entanto, não esgota a complexidade do modernismo brasileiro, que transcende a conjuntura de São Paulo em 1922. Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), no Ceará, antecipou questões centrais do movimento em seu ensaio *Estilo Tropical. A Fórmula do Naturalismo Brasileiro* (1888/2013, pp. 1-12). Sua noção de “Obnubilação Brasília” dialoga com a noção oswaldiana de antropofagia ao propor a absorção da realidade tropical visando a formação

Diferente da obra vencedora do concurso imperial de epopeias promovido por Dom Pedro II, o modernismo antropofágico floresceu com uma vitalidade inexistente nos versos da *Confederação dos Tamoios* (1856). A epopeia inacabada brotou de uma realidade social e histórica que não inspirou a sua poesia. Trata-se de um monumento exemplar do movimento romântico que, em várias ocasiões, foi acusado de ignorar as qualidades radicais do imaginário do povo brasileiro². Ao seguir a formação estética estabelecida pelos tipos brasileiros, a iniciativa modernista dos antropófagos, bem representada por Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, deixou um legado consistente no teatro, na música, nas novelas e na produção artística brasileira em geral. Egressos de um surto ufanista intensificado por outras frentes do modernismo, como foi o caso dos grupos Anta e Verde e Amarelo, o movimento antropofágico buscava fixar a identidade brasileira naquilo que eles consideravam ser uma peculiaridade nacional. A sua proposta consistia em enfatizar a marca distintiva do ser brasileiro, manifesta na capacidade de se apropriar do outro e fazer de si uma mistura do que há de melhor nas outras culturas³. Da exaltação desta

de um elemento próprio. Além desta similaridade pontual, Araripe, assim como Oswald, elabora imagens para que delas possam brotar os conceitos.

² Embora haja uma grande diferença entre o romantismo e o modernismo brasileiro, talvez tenhamos que admitir uma filiação do modernismo ao apelo nacional romântico, como o faz Gumbrecht, no ensaio *Mordendo Você Suavemente*, quando declara: “O que não aprecio em relação a Oswald de Andrade (vendo-o como um par nesse time de intelectuais bipolares) é como parece trivial a sua intenção carnavalesca de ser um canibal. Pois, deve-se dizer, ele não é um *tupi* nem um *jabutí*. Em vez disso, eu o vejo como – principalmente – cheio de bons sentimentos portugueses a partir da obra de Alencar – pois por que outra razão ele quis ser um antropófago?” (2011, p. 293).

³ Para uma interpretação dos limites da proposta da arte modernista brasileira, cf. Almino, João. Por um Universalismo Descentrado. In:

característica se fortaleceu o tipo do antropófago, a figura que devora os guerreiros mais fortes e valentes das tribos rivais, na esperança de assumir a sua força e valentia.

Os desdobramentos desta experiência estética e identitária, essencialmente múltipla, acabou por seguir o caminho da literatura experimental, utilizando-se da linguagem coloquial. Na pintura, assumiu os muitos tons e as cores fortes que somente o Sol escaldante é capaz de inspirar. Na arquitetura e na escultura, surgiram as formas dotadas de curvas generosas. E, em consequência do impacto causado pela locomotiva da modernidade, surgia um movimento de demolição do neoclassicismo persistente, para dar lugar a uma arte autenticamente brasileira. Seja lá o que isso possa vir a significar. Numa reunião inusitada das tendências vanguardistas europeias com certos elementos das culturas regionais brasileiras, surgia um modo novo de fazer arte e de pensar a cultura, marcado pela tentativa de fundir o avanço moderno da técnica e a vida bem vivida na imanência tropical. Este seria o encontro que desfaria a lógica que sustenta o binômio colonizador-colonizado. Pelo menos, isto é o que sustenta a teoria antropofágica oswaldiana, diante de tantas teorias que buscam compreender as contradições e desigualdades decorrentes das ambições, violências, vícios e virtudes históricas que decorreram da colisão entre os vários

Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, pp. 55-62. O autor avalia: “Quanto a suas limitações, o próprio modernismo se institucionalizou e se transformou num cânone estético, perdendo seu poder crítico e revolucionário” (p. 59). Em seguida, é comentado que a própria aspiração cosmopolita dos manifestos oswaldianos é uma marca dos países periféricos, uma vez que somente os países provincianos podem almejar o estatuto de cosmopolita que lhes escapa.

povos europeus, indígenas e africanos, que originaram a sociedade na qual vivemos⁴.

Quando revisitamos as publicações do movimento antropofágico, esperamos encontrar uma produção conceitual mais consistente nos textos de Mário de Andrade. Afinal, Mário era o intelectual disciplinado do grupo, o pesquisador dedicado ao estudo do folclore, da literatura oral e, mais especificamente, da etnomusicologia. No entanto, por ser um pesquisador prudente, Mário não ousou desenvolver uma filosofia dos trópicos. Preferiu ocupar-se com temas específicos de etnografia e literatura, deixando as aspirações teóricas mais amplas para Oswald de Andrade, um escritor notável e uma figura precipitada a ponto de candidatar-se ao cargo de professor de filosofia da USP sem a formação exigida para tal⁵. Bom, a sua inscrição foi indeferida, porém, Oswald já havia escrito uma tese de filosofia da história intitulada A

⁴ Pelo seu alto nível de complexidade, a sociedade brasileira é retratada de um ângulo pelo *Manifesto Antropófago* e por outro viés pelo *Digesto Antropófago* (Piza, 2011, p. 63-64). Segundo o contramanifesto de Piza, a antropofagia comporta várias contradições. Dentre elas, o movimento antropofágico contribuiu para a consolidação da identidade do Brasil oficial, mas ignorou a segregação na intimidade do Brasil real, propagandeou a liberdade sexual, mas colaborou para a manutenção do sexo “livre” sob o controle dos oligarcas, comemorou o carnaval, uma festa que promove a diferença e, ao mesmo tempo, persistiu numa sociedade hostil ao diferente.

⁵ Cruz Costa, o candidato aprovado no concurso citado, em sua Contribuição à História das Ideias no Brasil (1956), menciona o nome de Oswald apenas uma vez para ilustrar o pessimismo resultante de um modernismo artístico que não foi capaz de promover as mudanças políticas e sociais almejadas pelo movimento (p.406). Na bibliografia da referida obra, consta três títulos de Mário de Andrade, mas nem um título sequer de Oswald de Andrade. O que não quer dizer que Cruz Costa tenha nutrido alguma por Oswald, mas significa tão somente que o seu juízo era o de que Oswald não era relevante para a sua “história antropológica da cultura brasileira, com ênfase nos seus aspectos filosóficos” (Margutti, 2013, p. 19).

Crise da Filosofia Messiânica (1950), um texto no qual discorre sobre os conceitos de patriarcado e matriarcado, tendo em vista a concepção filosófica de uma utopia. No mesmo ano da publicação da sua tese, Oswald publica *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira*, mais um ensaio que abarca filosoficamente algumas das propostas do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e do *Manifesto Antropofágico* (1928). E, repentinamente, o poeta torna público o desejo de tornar-se um filósofo.

2. As características do método antropofágico: uma filosofia sintética, típica e bem-humorada

O que chamamos de método antropofágico é um modo de pensar dotado de três características marcantes: ser sintético, típico e bem-humorado. Em primeiro lugar, destaca-se o caráter sintético, pois Oswald descreve a sua filosofia em textos curtos e, não raras vezes, desenvolve os seus argumentos e pareceres em um parágrafo. Como evidência desse aspecto marcante, temos o seu texto filosófico mais longo, uma tese de setenta e oito páginas. Em seguida, nota-se a características típica da sua filosofia. Frequentemente, na argumentação oswaldiana, as imagens precedem e introduzem os conceitos filosóficos por meio da atuação simbólica dos tipos na imaginação de quem filosofa⁶. E, por fim, manifesta-se o humor marcante e debochado, a partir do qual a ironia se apresenta como um meio para provocar a

⁶ Alguns pesquisadores, como no caso de Jorge Vasconcellos (2011), defendem que, devido ao papel central dos tipos metafóricos na filosofia antropofágica, Oswald se utiliza do mesmo recurso típico de Nietzsche, ao se posicionar como uma espécie de precursor da filosofia da diferença, uma vez que ele viveu entre 1890 e 1954 e Deleuze e Guattari nasceram, respectivamente, nos anos de 1925 e 1930, para, posteriormente, tratarem dos seus “personagens conceituais”.

pensamento. Na sua aplicação, o humor corrosivo desintegra os ídolos erigidos a partir dos grandes filósofos e o gracejo atua na potencialização das críticas embasadas.

É por meio deste estilo de filosofar que identificamos em Oswald de Andrade um modo específico de provocar a reflexão e o riso dos leitores atentos. Em uma argumentação rápida, marcada por muitas figuras de linguagem e tipos fundantes, várias passagens dos textos oswaldianos deixam transparecer um modo de filosofar inexplicado pelo velho antropófago. Por meio de um exercício hermenêutico, delineamos esse estilo de filosofar e, suspendendo momentaneamente as suas conclusões, delimitamos os princípios do que denominamos método antropofágico. Na *Crise da Filosofia Messiânica*, ao vivenciar a escrita filosófica como quem escreve um romance, Oswald conta uma história e busca decifrar utopicamente o futuro. Talvez por não apresentar a precisão terminológica esperada, ou por descrever um sistema lúdico demais para os padrões acadêmicos, como dissemos anteriormente, Oswald não foi admitido como filósofo pela academia do seu tempo. Entretanto, na *Crise*, surge uma filosofia entrelaçada com a atividade poética, uma terminologia mais constituída por símbolos do que por conceitos. É apresentada uma história tensa da filosofia e da civilização, prestes a implodir, por comportar muitas intuições despidas de conceitos acabados.

Dentre os símbolos da filosofia antropofágica, o maior deles, a antropofagia, individual e coletivamente, consiste em uma transformação do tabu em totem, a partir de um movimento de transformação do melhor que há no outro num elemento constitutivo de si⁷. Outro conceito central na

⁷ No *Informe sobre o modernismo* (1945), Oswald faz questão de esclarecer que “o índio não devorava por gula e sim num ato simbólico e mágico onde está e reside toda a sua compreensão da vida e do homem.

filosofia antropofágica é o do ócio criativo. A genealogia do ócio remete-nos aos primitivos que, naturalmente, viviam o ócio comunitário⁸. Segundo *A Crise da Filosofia Messiânica*, o surgimento da aristocracia na Grécia Clássica demarca o ocaso da sociedade do ócio no “velho mundo”. Com essa reforma social, a experiência do ócio deixa de ser comum para se tornar uma exclusividade dos sacerdotes. O dogmatismo religioso expropriou o ócio da coletividade, e, posteriormente, com o surgimento da sociedade do relógio, o ócio se torna uma exclusividade dos burgueses, dos grandes proprietários dos meios de produção. Numa vida radicada no negócio, o trabalhador na sociedade moderna sente a necessidade de reapropriar-se do ócio primitivo. Somente por este meio ele poderá resgatar a carnavalização da vida, numa experiência livre e criativa da coletividade.

A partir da transformação do tabu em totem, a antropofagia viabiliza uma série de apropriações que ultrapassam os limites estabelecidos pela cultura ocidental. Ela sustenta que, antes de nos limitarmos às tradições grega e judaico-cristã, podemos, sem prescindir do que já nos

Trata-se apenas da transformação do tabu em totem, isto é, do limite e da negação em elemento favorável” (Andrade, 1992, p. 104). Desta brevíssima explicação, percebemos a devoração como a imagem mais representativa da existência do indígena enquanto tipo oswaldiano, ou seja, a devoração, ou a transformação do tabu em totem também pode ser interpretado como a existência que transgrede e se apropria dos limites estabelecidos pelo outro para a ampliação de si.

⁸ Esta reabilitação parcial do “primitivo” desempenha um papel central na proposta olwadiana de desenvolvimento de uma filosofia utopista, portanto voltada para o futuro, que motiva uma sociologia do resgate de certos elementos do nosso passado indígena: “Será preciso que uma sociologia nova e uma nova filosofia, oriundas possivelmente dos *Canibais* de Montaigne, venham varrer a confusão de que se utilizam, para não perecer, os atrasados e os aventureiros fantasmais do passado” (Andrade, 2011, p. 281).

apropriamos, digerir muito mais do que nos foi imposto. A antropofagia não é uma apologia do ecletismo, ou uma promoção da assimilação universal. Muito pelo contrário, a antropofagia promove a assimilação do que há de melhor no outro indivíduo, ou na outra comunidade, para que ressignifiquemos estes elementos apropriados no complexo interior da nossa cultura e da nossa personalidade. O antropófago, para ser digno deste título, precisa incorporar o que há de melhor na alteridade e é com esta proposta antropofágica que Oswald desenvolve o seu modo de digerir intelectualmente os autores e as teorias filosóficas para assimilá-los em seus ensaios sintéticos. Há algo de fecundo nas suas reflexões. Apesar dos seus equívocos, generalizações e análises superficiais que decorrem da publicação de textos muito curtos, a pressa que transparece na escrita oswaldiana surge como uma forma de apresentar uma variedade de autores famosos por sua complexidade em um único parágrafo. Em alguns casos, o que parece uma exposição leviana de autores não lidos, apresenta-se posteriormente como um modo de apropriação de aspectos conceituais de autores consagrados para a criação de um novo arranjo filosófico. Noutros casos, realmente, não passa de superficialidade, ou de falta de consistência conceitual⁹.

Oswald desenvolve uma filosofia baseada em vários tipos, o antropófago é o mais importante deles, vindo em seguida o primitivo tecnizado, o patriarcado, o matriarcado e tantos outros argumentos imagéticos que surgem, por exemplo, quando ele afirma que Marx “reduzirá à contabilidade os voos da metafísica alemã” (Andrade, 2011, p.

⁹ Na *Crise da Filosofia Messiânica*, há dois casos marcantes de fragilidade conceitual quando Oswald delimita o seu uso da filosofia hegeliana ao comentário de Kojève (2011, p.141) e ao situar, de forma apressada e sem boas justificativas, todo o existencialismo em uma trajetória de redescoberta da ansiedade ancestral do ser humano (2011, p. 198).

139), intencionando expor mediante uma imagem como o autor do *Capital* teoriza a partir de um sistema filosófico economicista¹⁰. Em várias passagens dos seus ensaios, Oswald lida com a exploração colonial que precedeu a formação do Brasil também com o auxílio dos tipos, como no caso de Antônio Vieira, o padre que nos ofereceu “lábria”, ou seja, a oratória que serve de emblema para a formação cultural das aparências, em troca de “muito açúcar”, que aqui representa os bens naturais levados da colônia. No seu *Dicionário de Bolso*, Oswald dá abundantes exemplos de como recorrer às imagens para apresentar os filósofos clássicos. Ao definir Tomás de Aquino como uma “missa cantada por alma de Aristóteles” (Andrade, 2007, p. 48), esta habilidade de apresentar um autor por meio de uma imagem é mais uma vez utilizada, apresentando a influência decisiva de Aristóteles sobre o tomismo. Seja nas entrevistas, nos ensaios, ou em notas pessoais, as metáforas abundam nos textos oswaldianos. O que demonstra que a sua atividade reflexiva está intimamente relacionada ao imaginário¹¹.

Mesmo quando se refere aos autores que mais contribuíram para a sua produção filosófica, Oswald não deixa de recorrer a imagens que buscam expressar, em poucas palavras, não raras vezes em um tom de gracejo, o caráter da

¹⁰ Para uma descrição de como o tipo oswaldiano do antropófago também deriva do tipo do sátiro nietzschiano, cf. Pontes, Ivan. Oswald de Andrade: devorador do sátiro nietzschiano. In: Estudos Nietzsche, Espírito Santo, v. 11, n. 1, p. 110-131, jan./jun. 2020.

¹¹ Por meio do seu exercício filosófico inspirado por tipos imagéticos, Oswald ratifica as palavras de Graça Aranha, em sua *Esthetica da Vida*, para quem “No Brasil o traço característico colectivo é a imaginação. Não é a faculdade de idealisar, nem a criação da vida pela expressão esthetica, nem o predomínio do pensamento; é antes a illusão que vem da representação do Universo, o estado de magia, em que a realidade se esvâe e se transforma em imagem” (1921, p.86).

obra do autor mencionado. É o que vemos em uma definição de Marx como a “Esquina da História” (Andrade, 2007, p. 61). Constatamos isto também na classificação de Nietzsche como o “Super-Hitler”¹² (Andrade, 2007, p. 62) e de Freud, definido como o “Diretor espiritual da burguesia” (Andrade, 2007, p. 69). O que demonstra que Oswald não costumava fazer descrições exaustivas dos filósofos e das suas teorias. Pelo contrário, ele criticava de modo descuidado até os autores que parecia admirar. Apesar das últimas citações serem extraídas de um *Dicionário de Bolso* publicado postumamente, as imagens, ou os tipos que representam os filósofos testemunham o quanto Oswald tinha afinidade com o gracejo reflexivo e as pilhérias meditativas que resultavam em classificações apressadas de autores de obras extensas e relevantes para a tradição filosófica¹³.

Como podemos perceber, Oswald utilizava com frequência a piada como meio de provocar a reflexão. Este é o caso da passagem em que, na *Mensagem ao Antropófago Desconhecido* (1946), Oswald garante que “A “vida autêntica”

¹² Como podemos conferir, Oswald esclarece ao seu modo que não associa a filosofia de Nietzsche ao totalitarismo. Provavelmente, Nietzsche é o filósofo que influenciou o texto mais relevante da filosofia antropofágica, *A Crise da Filosofia Messiânica*. O antropófago relata no dia 7 fevereiro de 1946: “O humanismo marxista procura absorver o poeta de Zaratustra dizendo: Hitler visitou a casa de Nietzsche. Mas Nietzsche nunca teria subido as escadas da chancelaria nazista” (Andrade, 2007, p. 196). Não sabemos quem representa o humanismo marxista citado por Oswald, mas o texto citado serve para garantir que Oswald não associa Nietzsche ao nazismo, contrariando as expectativas nutridas pela classificação do filósofo como, seja lá o que isto queira dizer, o Super-Hitler.

¹³ A professora Ana Beatriz Azevedo, no seu *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem* (2012), apresenta de forma magistral como essa classificação dos filósofos clássicos resulta também de uma continuidade na produção do Oswald poeta, autor dos manifestos, e do Oswald filósofo, autor dos ensaios.

de Heidegger é a vida do antropófago que resiste no homem vestido” (Andrade, 1992, p. 285). O seu objetivo é remeter ao antropófago um valor da vida humana definido pelo existencialismo. Certamente, trata-se de um recurso arriscado, pois, uma vez que o antropófago é elogiado desta forma, podemos vê-lo descaracterizado por um valor alheio. Contudo, vale frisar que o antropófago a que Oswald se refere não é o indígena que praticava o canibalismo em terras brasileiras. Ele sequer existe enquanto representante de uma etnia, ou de uma região de um determinado país, pois é simplesmente um tipo, uma imagem central na filosofia antropofágica. Sobre os tipos fundamentais desta filosofia,

podemos entender que a equação de Oswald nunca se baseia nos binômios capitalismo-socialismo, natureza-técnica, progresso-regresso, nacional-internacional, mas sim entre patriarcado e matriarcado, ou seja, dois regimes mítico-históricos bem mais amplos, que deitam suas origens na própria origem do homem e que produziram dois enquadramentos do real: o messianismo e a antropofagia (Petronio, 2011, p. 575).

Na filosofia da história de Oswald de Andrade, o matriarcado e o patriarcado são, antes de tudo, os tipos fundantes das formas de vida¹⁴. Podemos admitir que o patriarcado origina o messianismo, na condição de enquadramento artístico, social, político e econômico do real derivado do mito patriarcal e, do mesmo modo, ocorre com a forma mítico-histórica do matriarcado que imprime a sua marca no real antropofágico. Em uma tensão originária destes regimes típicos divergentes, o messianismo e a antropofagia são apresentados como sistemas responsáveis por formar, em diferentes níveis de influência, o indivíduo moderno e o

¹⁴ Para uma exposição pormenorizada da filosofia da história desenvolvida por Oswald de Andrade, em seus “poemas-ensaios”, cf. Valle, Ulisses. *A Filosofia da História de Oswald de Andrade*. In: Revista de Males. Campinas-SP, (37.1): Jan./Jun. 2017, pp. 323-344.

homem primitivo¹⁵. Ambos, o messianismo e a antropofagia, são tipos responsáveis por demarcar diferentes configurações da realidade cultural, que ressurgem numa história dialeticamente concebida. Diante deste cenário, o primitivo tecnizado surge como o tipo ideal que representa a síntese destas oposições. Ele reúne o que há de melhor nos dois sistemas para fundar uma realidade utópica. É também sobre este tipo que trataremos a seguir.

3. Um modo rebelde de filosofar: a resistência ao pensamento colonial e a utopia

Na contracorrente da metodologia estabelecida pela filosofia universitária, Oswald apresenta-nos um modo de filosofar que, pelo menos em três das suas características, alerta-nos sobre a necessidade do insurgimento da autoria filosófica meridional, da crítica aos valores estabelecidos e da formação de uma utopia. Segundo os termos oswaldianos, a utopia se manifesta através de um ideal concebido para o fortalecimento da esperança de um povo, na sua trajetória de emancipação econômica, política, religiosa e artística. Conforme o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, “ver o Brasil com olhos livres significa perceber a poesia nos fatos materiais, cuja valorização poética foi interdita pelas elites intelectuais”

¹⁵ É importante notar como Oswald, mesmo com toda a sua irreverência, assume para si a atribuição de desenvolver uma filosofia da história que, ao seu modo, cumpre com o que, para Antônio Paim, é uma constante das reflexões filosóficas brasileiras, segundo o qual: “a pesquisa sistemática do caminho trilhado pela meditação brasileira sugere que o tema catalisador, apto a facultar seu melhor entendimento, consiste no problema do homem” (Paim, 2020, p. 61). No seu estilo anticanônico (Domingues, 2017, p. 367), partindo da literatura até a filosofia, Oswald se dirige aos problemas históricos e culturais que contextualizam a temática antropofilosófica do pensamento brasileira. Afinal, o que é o antropófago senão o caráter originário do ser humano sadio e ideal?

(Kangussu, 2021, p. 80). Por esta via, a teoria da cultura oswaldiana nasce crítica e poética. Diante das limitações impostas pelo discurso filosófico europeu, o rebelde aristocrata se coloca no mesmo patamar dos autores clássicos da tradição ocidental para travar com eles um diálogo franco e, em algumas ocasiões, honesto. Ao rebelar-se contra as imposições cristãs e capitalistas da Europa, o velho antropófago propõe o resgate do orfismo primal, a insurreição do primitivo tecnizado e o reestabelecimento de Pindorama. Contra todos os tipos de conformismos sociais, é oferecida a esperança na Revolução Caraíba, no resgate do ócio matriarcal que só existirá no interior da filosofia oswaldiana.

Oswald insere no cerne desta proposta revolucionária a imagem do indígena presente na conclusão d'*O Achado de Vespúcio*. Compactuando com o parecer de Vespúcio, Oswald considera o indígena um ser epicúreo. Esta concordância expressa o quanto ele vê na cultura indígena uma espécie de instinto contracultural. Por “contracultura” aqui entendemos a resistência à cultura estabelecida do platonismo acadêmico, contra os valores estabelecidos por uma comunidade que resiste ao ímpeto libertário representado por uma escola filosófica grega de menor influência. Sobre o relato de Vespúcio acerca dos “indígenas epicúreos”, Oswald afirma: “Estava revelado que, na realidade e na prática, era possível viver-se em estado epicúreo. E isso jogava por terra todas as longas e tremendas ascèses que tinham presidido à construção do mundo medieval” (Andrade, 2011, p. 317). A comprovação de viabilidade de uma forma de vida alternativa ao modo europeu é a prova suficiente, segundo Oswald, de que podemos abandonar os pressupostos que sustentaram o patriarcado e o messianismo. Uma vez que o homem natural é a prova viva de que podemos viver livres de reis, ou patrões,

não precisamos continuar submetidos ao tipo de vida que nos condiciona a servir a estes senhores¹⁶.

Seguindo esta linha de raciocínio, em um nível mais radical, na *Mensagem ao Antropófago Desconhecido* (1946) é declarado que “Nada existe fora da Devoração. O ser é a Devoração pura e eterna” (Andrade, 1992, p. 286). Depois de todas as teorias imobilistas do ser, do culto europeu aos limites impostos pelo tabu, o antropófago explicita o fluxo do ser, a conversão do tabu em totem, o reconhecimento do absurdo, da angústia e das experiências ilógicos que constituem a existência. De acordo com Oswald, em *Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira – O Homem Cordial*:

A angústia de Kierkegaard, o “cuidado” de Heidegger, o sentimento do “naufrágio”, tanto em Mallarmé como em Karl Jaspers, o “Nada” de Sartre, não são senão sinais de que volta a Filosofia ao medo ancestral ante a vida que é devoração. Trata-se de uma concepção matriarcal do mundo sem Deus” (Andrade, 2011, p. 219).

Segundo o diagnóstico oswaldiano, as próprias filosofias da existência são sintomas da insatisfação causada pelo messianismo europeu e pela percepção de que as doutrinas filosóficas clássicas escondem uma camada mais profunda da

¹⁶ Apesar da conclusão comum ao discurso marxista, Oswald contraiu má fama entre os comunistas por uma série de críticas feitas por ele ao Regime Soviético. Críticas estas que contribuíram para que o antropófago não fosse visto com bons olhos pelo PCB (Dantas, 2006, pp.163-169). O seu passado artístico vanguardista caracterizado como o “sarampão antropofágico” contagiou muito cedo a sua fase marxista heterodoxa. Por esta razão, Benedito Nunes comenta que “a rebeldia do homem natural, mito forjado pelo movimento antropofágico, é a linha de pregação revolucionário do escritor convertido em “casaca de ferro” do proletariado” (2011, p. 383). Oswald assumiu, de modo bastante peculiar, uma espécie de comunismo antropofágico que incentiva uma revolução que prevê o retorno ao matriarcado, mas não o matriarcado hipotético dos historiadores e, sim, o matriarcado do primitivo tecnizado, o matriarcado acrescido das conquistas da técnica moderna.

realidade que é, por natureza, selvagem. Neste cenário, a visão de mundo primitiva, em sua riqueza e complexidade, comporta uma ambiguidade na cultura matriarcal que garante a tensão “agressividade-cordialidade” (Andrade, 2011, p. 219). Tensão esta que comporta a devoração existencial e criativa do rebelde que almeja digerir uma nova ordem política e social, conforme a imagem de um selvagem melhor retratado por Nietzsche do que pelos próprios tupinambás.

Em uma denúncia dos danos causados pela colonização europeia, num dos textos reunidos em *Estética e Política* intitulado *O Antropófago*, Oswald comenta:

O primeiro propósito dos colonizadores foi modificar a *weltanschauung* que domava os dias dos naturais. “É preciso salvar esta gente!”, berrava na sua carta a Dom Manuel de Portugal o autorizado escrivão da frota de Cabral. Salvar significava inocular nos nativos uma ideologia que permitisse e desenvolvesse o trabalho escravo. Era preciso que eles se convencessem de que a existência na terra era um simples trânsito. E que o paraíso, em vez de ser a mulher nua nas praias cálidas, o coco sumarento e a carne do adversário, era a estática teoria de anjos e de almas, perante a gozosa e eterna presença insípida de Deus, como inventara o Dante (Andrade, 1992, p. 282).

Ainda no *Achado de Vespúcio*, Oswald ironiza sobre os “benefícios” da colonização, ao declarar que as imposições europeias criaram necessidades falsas para o indígena que vivia uma vida paradisíaca, longe das doutrinas que projetavam a vida sumamente boa para o pós-morte. As idealizações feitas por Oswald sobre a existência antropofágica, apesar de incidirem em alguns momentos na objetificação caricatural do Brasil, colocam-no, em certas passagens, na via de ultrapassagem destes limites impostos ao olhar colonizado. Através do desenvolvimento da subjetividade antropofágica será promovida uma neutralização da parcela vigente do processo colonizatório. Oswald lutou contra o colonizador que havia nele mesmo com

as armas oferecidas pela colonização para que, da sua subjetividade marcadamente europeia, pudesse surgir uma nova subjetividade caracterizada por uma autoconsciência antropofágica.

Há uma luta constante entre o autor antropófago e a sua sombra europeia, o que o leva a confessar que “nós sofremos de uma terrível mentalidade colonial. Bom é o que nos é imposto” (Andrade, 2011, p. 281). Afinal, além de seu papel de algoz, mesmo sendo filho da elite paulistana, Oswald também assume o papel de vítima do processo colonizatório. Em um nível simbólico, basta lembrar que, diferente da formação cultural de um país desenvolvido, pautada pela atuação livre do sujeito de direito e mantida pela exploração sofisticada de outros países, “a cultura brasileira é formada num drama de objetificação em que a anedota colonial, que em outras partes destaca Colombo, Cortés, e seus pares, adapta-se a um mundo de coisas, e em que objetos como o pau-brasil e outros produtos originais da colônia brasileira são os protagonistas” (Greene, 2011, p. 204)¹⁷. Mesmo que atordado, Oswald filosofa a partir de um lugar que passou por um longo processo de objetificação e o antropófago que há nele promove um projeto de reversão desse quadro cultural, mediante uma iniciativa que converterá o brasileiro, o simples comerciante de pau-brasil, em um ser conscientemente dotado de uma subjetividade aberta e em constante ampliação.

Na *Crise da Filosofia Messiânica* é esclarecido que

o homem natural tecnizado é a meta dessa teoria – uma solução para a crise final do ciclo do individualismo burguês. O bárbaro tecnizado na antiga Antropofagia representava, como se sabe, o rebelde

¹⁷ Para mais detalhes sobre a tese da objetificação das culturas das colônias euro-americanas, Cf. Greene, Roland. *Unrequited Conquests: Love and Empire in the Colonial Americas*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2000.

colonial, ou da periferia, que ousava se apropriar da cultura e da civilização europeias para fazer, por meio da técnica alheia, a emancipação nacional ou, então, completar sua modernização (Dantas, 2006, pp. 156-157).

De uma colônia extrativista, segundo a concepção oswaldiana, o Brasil se tornará o berço de uma nova civilização, na qual será dado um novo direcionamento para as conquistas da técnica, um direcionamento fundador de uma sociedade que incentiva o ócio como um dos valores da vida boa. Por mais que esta pareça ser a base de sustentação de uma ideologia nacionalista que prega a redenção da humanidade a partir de uma iniciativa brasileira, o Brasil de Oswald de Andrade é um tipo imagético de uma iniciativa que ultrapassa os limites de qualquer fronteira nacional. Isto é o que demonstra uma reflexão sua sobre as duas tendências constantes na humanidade: Ele afirma claramente: “E ficou essa velha ideia em mim de que há duas constantes no homem – a antropofágica, a devorativa, a guerreira e o seu oposto, isso que chamei de alteridade, isto é, sentir o outro em si. Aquilo que fazia com que o nosso primitivo recebesse o peregrino perdido, pensando em suas dores e aflições” (Andrade, 2007, p. 621). Como podemos perceber, na antropofagia oswaldiana, todo ser humano resulta de uma convergência de forças, a primeira autocentrada, dedicada a fazer do outro um si mesmo e a segunda descentrada e, embora que de modo simbólico, marcada pelo sacrifício de si pelo outro. Estas forças que transcendem as realidades nacionais pertencem à própria condição humana. Juntas, elas possibilitam as transformações sociais.

No texto *A Marcha das Utopias* (1953), Oswald realça a supranacionalidade da utopia antropofágica, após apontar o desenvolvimento dos meios de produção como uma forma de diminuir a demanda por trabalho. “Aliás, seria dialeticamente através do negócio, estímulo dorsal da técnica, que o homem

poderia concretamente aspirar ao seu contrário, o ócio, e, enfim, conquistá-lo. O Brasil foi apenas a profecia e o horizonte utópico do ócio. Mas o foi esplendidamente” (Andrade, 2011, p. 282). Enquanto as negociações incentivam uma produção cada vez mais eficiente, uma sociedade orientada pelos valores matriarcais da vida boa poderia se apropriar dos meios eficientes de produção para garantir uma menor demanda de trabalho. Com o tempo de ócio que resultaria desta reforma valorativa da sociedade, o ser humano poderia levar uma vida genuinamente criativa, fortalecendo o centro vital de uma utopia que prevê a existência de um paraíso terrestre.

Oswald concebe as utopias como forças motrizes do desenvolvimento da humanidade. A conquista da América, assim como a revolução industrial, foram movimentos humanos sustentados por ideologias que impulsionaram o ser humano em direção ao futuro. O futuro, que é, por definição, uma possibilidade, ou seja, um não-lugar, só poderia ser alcançado por intermédio das forças utópicas. “As Utopias foram as caravelas ideológicas desse novo achado – homem como é, simples e natural” (Andrade, 2011, p. 278). Os navegadores europeus que chegaram ao Brasil buscavam por uma terra abençoada, um lugar imaginado, no qual os vícios do velho mundo ainda não teriam exercido a sua influência. Em um idealismo antropofágico, a utopia que motivou esta aventura viabilizou também o encontro do homem natural tão admirado por Oswald. Este que é o tipo de ser humano capaz de oferecer a esperança de conciliação entre a vida boa da humanidade primitiva e as conquistas da técnica moderna.

Em um clima de insatisfação com o presente, Oswald nos convida a contemplar as duas faces dos projetos utópicos. “No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto” (Andrade, 2011, 284). O sonho desejante que se projeta para um futuro idealizado é movido

por uma insatisfação com determinados elementos do presente. O que Oswald não parece perceber é que as limitações atuais deformam o horizonte do porvir. Conforme uma crítica bastante apropriada:

o verdadeiro antropófago será sempre aquele com mais poder, por sua maior capacidade econômica e técnica de absorção e, sobretudo, de exportação cultural [...]. Não adianta ter a ilusão de que a cena está comandada a partir daqui, idealizando a capacidade do estômago nacional (Almino, 2011, p. 60).

O utopismo oswaldiano é facilmente criticado por prever o triunfo de um tipo de vida bem representado, seja lá o que isso queira dizer, pelo Brasil autêntico. Assim como qualquer outro país em desenvolvimento, uma vez que lidamos com um país periférico, seria improvável a sua ascensão à condição de país determinante do futuro da cultura global. A restrição de absorção do estômago nacional é uma limitação considerável para a viabilidade da Revolução Caraíba. Se a utopia antropofágica depende de uma iniciativa que partirá dos países que um dia foram colonizados, ao que parece, estamos lidando com um plano que enfrentará sérios obstáculos.

Numa frase conclusiva d'A *Reabilitação do Primitivo* (1954), Oswald convoca a todos para a elaboração da filosofia do porvir, uma forma de pensar vívida e, portanto, que escapa aos esquemas abstratos, numa tentativa de alcançar a sabedoria prática da vida apropriadora que se amplia sem vergonha de tornar seu o que há de melhor no outro¹⁸. Este é

¹⁸ Para o *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, numa edição de novembro de 1951, ele cita alguns dos seus planos literários futuros, dentre eles a escrita de uma obra filosófica definitiva intitulada “O Antropófago – Uma Filosofia do Primitivo Tecnizado” (Andrade, 1990, p. 191). Três anos depois, Oswald morre sem deixar sequer um esboço do referido título, legando aos seus leitores intuições e conceitos passíveis das organizações e desenvolvimentos mais variados.

o seu apelo: “Tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita” (Andrade, 1992, p. 232). A proposta aparentemente contraditória da modernização do selvagem, do progresso fundado em valores “primitivos”, é uma constante na especulação oswaldiana. Afinal, toda a filosofia por fazer, segundo o próprio Oswald, é uma mobilização do pensamento que visa transformar a realidade e resgatar a humanidade das velhas imposições patriarcais, messiânicas, capitalistas e socialistas. Estas concepções limitantes denunciam o cansaço do velho mundo, o mundo-obstáculo que retarda o nascimento de um novo tipo de socialização que distinguirá, verdadeiramente, o novo mundo.

4. Considerações finais: O que podemos digerir do método antropofágico?

Ao seu modo, a filosofia oswaldiana se apresenta como um exercício de pensar desde o Brasil, a partir de uma reflexão atenta aos fatos históricos, políticos e sociais. A sua proposta é a de contribuir com a tradição filosófica efetuada na busca de sentido empreendida por cada povo. A legitimidade de sua contribuição está no método antropofágico que, ao servir-se de uma argumentação sintética, típica e bem-humorada, apresenta uma estratégia intelectual de integração e ressignificação da herança filosófica ocidental, na periferia do capitalismo. Reinterpretar Nietzsche, Hegel e Marx a partir de uma experiência histórica e social periférica é um desafio passível de ser contornado com a capacidade de síntese, o poder imaginativo e o bom-humor alçados ao posto de colaboradores legítimos da razão. Na antropofagia filosófica, a reflexão não se faz por mera reprodução das escolas europeias, mas pela digestão criativa das ideias estrangeiras.

Ao inscrever-se nesse diálogo milenar entre os clássicos e suas respectivas culturas, a filosofia oswaldiana demonstra que a busca pelo sentido universal não é monopólio de uma tradição filosófica específica, mas um empreendimento plural, histórico e situado.

Partimos do pressuposto de que a filosofia só se tornará uma expressão plena da liberdade, quando receber as contribuições das vivências reflexivas de toda a humanidade. O que significa dizer que, em alguma medida, Oswald contribuiu para o desenvolvimento da filosofia, ao inserir o caráter argumentativo de uma cultura regional neste diálogo filosófico que persiste há milênios. Em uma nova configuração, a proposta oswaldiana de devoração do que há de melhor no outro parece-nos uma retomada do velho tema da vida boa. No seu cerne, a intenção do antropófago se volta para as condições em que se apresentam os problemas filosóficos, segundo os lugares e as imagens que lhes são familiares.

A filosofia antropofágica se revela fecunda, pois reconfigura a rebeldia de Nietzsche em uma insubordinação tropical, desloca a psicanálise freudiana para uma espécie de decolonização da sexualidade e ressignifica a utopia marxista do socialismo na utopia antropofágica¹⁹. Como podemos perceber, Oswald tem muito a ensinar quando tratamos da assimilação das teorias estrangeiras, tendo em vista o seu emprego na interpretação da realidade brasileira e dos seus problemas. Certamente, Oswald não foi um intérprete exemplar dos autores clássicos, mas a sua criatividade garantiu o surgimento de um modo de filosofar que se apropria dos autores de modo sintético. Ele norteia o pensamento a partir de tipos que provocam a imaginação e se destaca por fazer críticas e colocações bem humoradas,

¹⁹ Para uma descrição detalhada da assimilação oswaldiana de filósofos como Nietzsche, Freud e Marx, cf. Autor. Título.

motivadoras de uma onto-epistemologia que compreende e revela os fundamentos das suas circunstâncias. Em todos esses movimentos, a antropofagia filosófica afirma a possibilidade de uma filosofia enraizada nas circunstâncias locais, mas aberta ao diálogo cosmopolita.

Em última instância, a filosofia oswaldiana busca preparar a humanidade para o “novo primitivo”, subvertendo as concepções patriarcais do civilizado em suas formas mais opressivas. Em linhas gerais, a história imaginária em que a filosofia oswaldiana se baseia não pretende impor uma doutrina política, mas expor uma forma de vida que permita ao ser humano ultrapassar algumas das limitações da modernidade, conciliando as conquistas técnicas aos valores vitais da cultura primitiva idealizada pela própria antropofagia. Assim, a filosofia antropofágica não se resume a uma reflexão sobre a realidade brasileira. Antes, ela consiste numa intervenção filosófica que, ao reivindicar a antropofagia como método, propõe uma forma de pensar, ao mesmo tempo, consciente de suas circunstâncias culturais e aberta para o mundo. Trata-se de uma filosofia insurgente, capaz de fortalecer o pensamento crítico e ampliar os horizontes da tradição filosófica que se faz universal.

Referências

ALMINO, João. Por um Universalismo Descentrado. **Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena.** Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 55-62.

ANDRADE, Oswald. A Crise da Filosofia Messiânica. **A Utopia Antropofágica.** São Paulo: Globo, 2011, p. 138-215.

_____. A Marcha das Utopias. **A Utopia Antropofágica.** São Paulo: Globo, 2011, p. 220-298.

_____. **Dicionário de Bolso**. Organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **Estética e Política**. Pesquisa, organização, introdução e notas e estabelecimento de texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992.

_____. Manifesto Antropófago. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, p. 67-74.

_____. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, p. 59-66.

_____. O Achado de Vespúcio. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, p. 311-317.

_____. **Os Dentes do Dragão**: entrevistas. Organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____. **Telefonema**. Organização, introdução e notas de Vera Chalmers. São Paulo: Globo, 2007.

_____. Um Aspeto Antropofágico da Cultura Brasileira – O Homem Cordial. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, pp. 216-219.

_____. **Um Homem Sem Profissão, Sob as Ordens de Mamãe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANDRADE, Gênese. Oswald de Andrade em torno de 1922: descompassos entre teoria e expressão estética. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 33, n. 1-2, p. 113–133, 2015.

ARANHA, Graça. *A Esthetica da Vida*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. O estilo tropical: a fórmula do naturalismo brasileiro (1888). **Sopro**: panfleto político cultural, n. 83, [S.l.]: Cultura e Barbárie, 2013, pp. 1-12.
Disponível em:

<https://culturaebarbarie.org/sopro/n83scribd.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2025.

AZEVEDO, Ana Beatriz. **Antropofagia – palimpsesto selvagem**. 2012. 199f. (Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CHALMERS, Vera Maria. Panorama de *Telefonema*. **Telefonema**. Organização, introdução e notas de Vera Chalmers. São Paulo: Globo, 1992, p. 7-65.

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das Ideias no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

COSTA, Lara. Na Boca do Estômago. Conversa com José Celso Martinez Corrêa. **Antropofagia hoje?**: Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 71-83.

DANTAS, Vinicius. O Canibal e o Capital: a arte do “Telefonema” de Oswald de Andrade. **Moderno de Nascimento**: figurações críticas do Brasil. Org. Benjamin Abdala Jr. & Salete de Almeida Cara. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 151-177.

DOMINGUES, Ivan. **Filosofia no Brasil**: legados e perspectivas – ensaios metafilosóficos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GREENE, Roland. Antropofagia, Invenção e Objetificação do Brasil. **Antropofagia hoje?**: Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 203-216.

GUMBRECHT, Hans. Mordendo você suavemente – Um Comentário sobre o Manifesto Antropófago. **Antropofagia hoje?**: Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 289-298.

KANGUSSU, Imaculada. Benedito Nunes, leitor de Oswald de Andrade. **Revista Apoena**, v. 3, n. 5, 2021.

MARGUTTI, Paulo. **História da filosofia do Brasil** (1500-
hoje): 1ª parte: o período colonial (1500-1822). São Paulo:
Edições Loyola, 2013.

NASCIMENTO, Evando. A Antropofagia em Questão.
Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena. Org. João
Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo: É
Realizações, 2011, p. 331-362.

NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. **A
Utopia Antropofágica**. São Paulo: Editora Globo, 2011, p. 7-
56.

_____. O Retorno à Antropofagia. **Antropofagia hoje?:**
Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha
& Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 383-388.

PAIM, Antônio. **História das Ideias Filosóficas no Brasil**.
Campinas, SP: Távola Editorial, 2020.

PETRONIO, Rodrigo. Entre o Antropofágico e o Aórgico:
Meditação em Torno de Oswald de Andrade e Vicente Ferreira
da Silva. **Antropofagia hoje?:** Oswald de Andrade em cena.
Org. João Cezar de Castro Rocha & Jorge Ruffinelli. São Paulo:
É Realizações, 2011, p. 571-600.

PIZA, Daniel. Digesto Antropófago. **Antropofagia hoje?:**
Oswald de Andrade em cena. Org. João Cezar de Castro Rocha
& Jorge Ruffinelli. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 63-64.

PONTES, Ivan. Oswald de Andrade: devorador do sátiro
nietzschiano. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 11, n. 1,
p. 110-131, jan./jun. 2020

VALLE, Ulisses. A Filosofia da História de Oswald de Andrade.
Remate de Males. Campinas-SP, v. 37, n.1, p. 323-344, 2017.
DOI: 10.20396/remate.v37i1.8649235.

VASCONCELLOS, Jorge. Oswald de Andrade, filósofo da diferença. **Revista Periferia**, vol. 3, n. 1, 2011.

(Submissão: 02/06/25. Aceite: 28/10/25)